

## Parte 1 - Mediação & midiatização: conexões epistemológicas

Inflexões metodológicas para a teoria do uso social dos meios e processos de midiatização

Jorge Cardoso Filho

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

CARDOSO FILHO, J. Inflexões metodológicas para a teoria do uso social dos meios e processos de midiatização. In: MATTOS, MA., JANOTTI JUNIOR, J., and JACKS, N., orgs. *Mediação & midiatização* [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 171-191. ISBN 978-85-232-1205-6. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

# Inflexões metodológicas para a teoria do uso social dos meios e processos de midiatização

JORGE CARDOSO FILHO

---

## INTRODUÇÃO

A proposição de uma reflexão sobre o uso social dos meios ganhou força, na América Latina, a partir da década de 1980, com o lançamento do livro *De los medios a las mediaciones: cultura, globalización y hegemonía*, de Jesús Martín-Barbero. Havia ali uma reflexão sobre os meios de comunicação de massa que não tomava a discussão dos conteúdos veiculados como fundamental, típico da abordagem funcionalista, mas que também não privilegiava uma abordagem formal e suas implicações sociais, de inspiração na teoria crítica frankfurtiana.

Martín-Barbero argumentava que somente no âmbito da apropriação desses meios é que seria possível visualizar os significados das práticas e, nesse sentido, entendê-las como fenômenos culturais que se entrelaçam e são atravessados por diferentes campos de força; de natureza histórica, tecnológica, social, política, econômica etc. Seu argumento encontrou reverberação nos estudiosos do campo da Comunicação no Brasil, como Escosteguy (2001) e Gomes (2004), sobretudo para aqueles que não estavam satisfeitos nem com as explicações oriundas das pesquisas em *media effects* nem com a discussão sobre a indústria cultural.

Contudo, a adesão à proposição teórica desse autor não resultou num consequente amadurecimento das pesquisas de modo a apresentar desdobramentos metodológicos para apanhar, captar e identificar esses “usos sociais dos meios” nos períodos em que eles ocorrem. Com alguns méritos e também problemas, as pesquisas se desenvolveram muito mais aplicando as proposições de Martín-Barbero que sistematizando e demonstrando sua eficácia metodológica no estudo dos fenômenos culturais contemporâneos. Felizmente, esse panorama começa a mudar nos últimos anos. Pesquisas recentes estão questionando metodologicamente a envergadura explicativa da teoria de Martín-Barbero. Além dos trabalhos de Ronsini (2008; 2010), Guimarães e Leal (2007), Escosteguy (2008) e Orofino (2011), que fazem interessantes ressalvas às proposições de Martín-Barbero, é possível identificar, na América Latina, repercussões sobre a implicação metodológica da teoria das mediações nas pesquisas sociais.

Destaca-se, no contexto latino-americano, a crítica de Orozco Gómez (2006). O autor sugere que a condição de múltiplos desordenamentos pela qual passa a comunicação social é fruto da ruptura instituída pela proposição teórica das mediações – que entrelaçadas, sobretudo com as tecnologias, exacerbam a sensação de instabilidade de uma época. Orozco Gómez reconhece que a própria capacidade de percepção se altera devido às reorganizações das mediações descrita por Martín-Barbero, porém não demonstra empiricamente como essas transformações se processam.

Ademais, o crescimento da preocupação com o exacerbado processo de mediatização pelo qual vem passando a sociedade contemporânea permite reinserir a problemática das mediações pela perspectiva da nova condição interacional de referência (BRAGA, 2006) e elucidar, metodologicamente, procedimentos até então pouco usuais nas investigações sobre usos sociais dos meios.

A mediatização em curso pode ser entendida (e investigada) como o desenvolvimento de uma processualidade interacional ampla, em vias de suplantar a cultura escrita *enquanto principal*

*referência* para as interações sociais. Além de indicar algumas características dessa mediatização como processo interacional de referência, observo também ‘lacunas’ em sua própria lógica, que se põem como outros tantos desafios com que a sociedade se defronta na transição. (BRAGA, 2010, p. 76, grifos do autor)

Penso que este é um terreno que necessita de aprofundamento e que algumas articulações podem contribuir para operacionalizar a proposição teórica de Martín-Barbero e as reflexões de Braga, trazendo-as para um confronto rico com a empiria.

Nesse trabalho, pretendo apresentar uma dessas articulações possíveis, seguindo como referência a proposição exposta em texto anterior (CARDOSO FILHO, 2008) sobre os conceitos de mediações e experiência no estudo da música popular massiva. Embora minha questão inicial estivesse ligada ao campo das expressões musicais, os resultados da investigação demonstraram que as articulações ali promovidas podem ser ampliadas para outros campos de reflexão, como os processos contemporâneos de mediatização, por exemplo.<sup>1</sup>

### MANIFESTAÇÕES DAS MEDIAÇÕES SOCIAIS

Quero partir de um texto recentemente publicado por Itania Gomes (2011), no qual a autora apresenta a ideia de gênero televisivo como categoria cultural e, desse modo, justifica a centralidade do conceito de gênero no mapa das mediações proposto pelo teórico colombiano. Esse movimento, realizado pela autora, revela a preocupação com os desdobramentos metodológicos das teses de Martín-Barbero, sobretudo com a operacionalidade do conceito de mediação.

---

1 Braga (2006) destaca que desde o início das interações mediatizadas, a sociedade age e produz não apenas seus meios de comunicação como também seus produtos e práticas, reinventando assim objetivos e funções às perspectivas instituídas na produção/emissão. Segundo o autor, isso é possível porque as sociedades criam um sistema de “atividades de resposta” que funciona como direcionamento dos modos como um determinado grupo (sociedades, comunidades etc.) interagem com os produtos midiáticos.

Para Gomes (2011), o modo como Martín-Barbero trabalha o conceito de mediação apresenta uma gradual adequação às realidades impostas pela globalização e produtos midiáticos que não fica tão evidente em *Dos meios às mediações*, quando apresentava de forma inaugural sua proposta de entendimento das mediações como uso social dos meios. Nesse primeiro momento, o autor reivindicava um retorno às questões particulares dos variados processos de mediação social, dos quais os meios de comunicação de massa eram uma ocorrência recente e que, de forma equivocada, havia sido superestimada pela tradição da sociologia da Comunicação.

A respeito dos deslocamentos instituídos pela reflexão de Martín-Barbero, escreve Ana Carolina Escosteguy (2001, p. 869, tradução nossa):

Para que a Comunicação seja abordada pela perspectiva cultural – um programa de pesquisa desenvolvido por Martín-Barbero – é necessário assumir que a observação não deve estar centrada na mídia e que a análise deve estar aberta para a mediação. De um modo geral, isto implica mover os processos comunicativos para o espaço denso e ambíguo ocupado pela experiência subjetiva em determinados contextos sócio-históricos.<sup>2</sup>

A reorientação fundamental, portanto, se daria no âmbito da ênfase nas competências de recepção, esse espaço denso e ambíguo ocupado pela experiência subjetiva em contextos sócio-históricos determinados, mencionado por Escosteguy. Assim, o autor vai apontar a cotidianidade no espaço doméstico como possibilidade de liberdade criativa, normalmente restrita pela monotonia de um trabalho vinculado às indústrias de entretenimento. Também o consumo, se pensado de forma não-reprodutivista, pode oferecer essas possibilidades de apropriação cultural e a leitura, finalmente, entendida de forma ampla, como produção que

---

2 So that communication can be approached from a cultural standpoint – a research program developed by Martín-Barbero – it is necessary to assume that observation is not centered around the media themselves and that analysis is open to mediation. Generally speaking, this means moving the communicative processes to the dense and ambiguous space occupied by the subjective experience placed in certain social-historical contexts.

questiona a centralidade do sentido e reconhece as assimetrias nas competências de interpretação.

Segundo Gomes (2011, p. 117, grifo nosso) há, nesse processo, uma reorientação na proposição original de Martín-Barbero. Em *Dos meios às mediações*

o que era apenas um mapa noturno, um mapa que nos permitiria ‘avançar tasteando’, que serviria ‘para questionar as mesmas coisas – dominação, produção e trabalho – mas a partir do outro lado: as brechas, o consumo, o prazer’, [...] que permitiria transforma-se no novo mapa das mediações que o autor desenha em *Pistas para entre-ver meios e mediações* e consolida em *Ofício de Cartógrafo*.

A formulação de um mapa composto pelos eixos sincrônico e diacrônico, tensionados por diferentes campos de força, em suas extremidades, se constitui então como a alternativa oferecida por Martín-Barbero para desenvolver as análises de transformação e apropriação de sentidos e valores socialmente partilhados, sobretudo nas articulações entre comunicação, cultura e política. A ideia principal consiste em reconhecer os pontos de mobilidade e perspectiva da cartografia, que podem gradualmente se transformar e instituir novos valores e sentidos.

Propomos então um mapa que se movimentava sobre dois eixos: um diacrônico, ou histórico, de larga duração – tensionado entre as *Matrizes Culturais* (MC) e os *Formatos Industriais* (FI) –, e outro sincrônico, tensionado pelas *Lógicas de Produção* (LP) em sua relação com as *Competências de Recepção ou Consumo* (CR). Por sua vez, as relações entre MC e as LP se acham mediadas por diferentes regimes de *Institucionalidade*, enquanto as relações entre as MC e as CR estão mediadas por diversas formas de *Socialidade*. Entre as LP e os FI medeiam as *Tecnicidades*, e entre os FI e as CR as *Ritualidades*. (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 230, grifos do autor)

É ao focar essa formulação que Gomes encontra espaço privilegiado para argumentar em favor da centralidade da noção de gênero na proposição do autor, afinal seriam nos gêneros onde as articulações descritas por Martín-Barbero se manifestariam prioritariamente. “Momentos de uma *negociação*, os gêneros não são abordáveis em termos de semântica ou sintaxe: exigem a construção de uma *pragmática*, que pode dar conta de como opera seu reconhecimento numa comunidade cultural”. (MARTÍN-BARBERO, 2001, p. 314, grifo do autor). Como é uma espécie de estratégia de comunicabilidade, as marcas do gênero se fazem presentes e analisáveis nos diferentes textos culturais.

Desse modo, o percurso de desenvolvimento de uma formulação teórica em um procedimento de análise vai se evidenciando. Os regimes de institucionalidade, tecnicidade, socialidade e ritualidade podem ser encontrados nos próprios textos culturais, o que implica uma reflexão atenta às práticas e não necessariamente aos objetos ou conteúdos. Há práticas que parecem mesmo dependentes de certas ritualidades – como a construção de uma coleção de álbuns de música pop –, assim como há institucionalidades que, à primeira vista, legitimam os discursos e práticas de determinados atores sociais (como a proteção aos direitos autorais). Por esse motivo, Gomes (2011) conclui que Martín-Barbero está contribuindo muito mais com o desenvolvimento de uma abordagem cultural que, especificamente, comunicacional.

A natureza da noção de gênero cultural é, por isso, metodológica. A partir dele é que os pesquisadores podem encontrar as recorrências e os padrões que operam nas mais diversas expressões da comunicação, cultura e política. Essas recorrências estão atreladas aos entrecruzamentos estabelecidos pelos oito pontos do mapa “noturno” descrito por Martín-Barbero – os quatro pontos dos eixos sincrônico e diacrônico mais os quatro pontos que medeiam às relações entre eles.

Esse aprimoramento proposto por Gomes me parece promissor para pensar as inflexões metodológicas da teoria do uso social dos meios,

sobretudo se pensamos num ponto específico sobre o qual a autora silencia: a questão da experiência. Esse tema se insinua nas reflexões de Martín-Barbero desde a sua proposição em *Dos meios às mediações*, mas, curiosamente, parece não chamar atenção dos estudiosos que se debruçam sobre seu trabalho.<sup>3</sup> As teses de Benjamin sobre a sensibilidade da massa aparecem como indício da preocupação de Martín-Barbero (2001, p. 84) com a experiência.

Para Benjamin, pelo contrário, pensar a experiência é o modo de alcançar o que irrompe na história com as massas e a técnica. Não se pode entender o que se passa culturalmente com as massas sem considerar a sua experiência. Pois, em contraste com o que ocorre na cultura culta, cuja chave está na obra, para aquela outra a chave se acha na percepção e no uso.

É perceptível a simpatia com que o autor toma as proposições de Benjamin sobre a importância da reflexão em torno da experiência ao longo de todo o terceiro capítulo, da primeira parte de *Dos meios às mediações* – aquele denominado *Indústria Cultural: capitalismo e legitimação*. É na obra de Benjamin que Martín-Barbero vai encontrar os aportes necessários para construir sua teoria sobre as mediações – que não são fixas, mas descontínuas, característica que sempre fascinou Benjamin.

Benjamin propõe a importância capital de uma ‘história da recepção’. Tratar-se-ia então, mais que de arte ou de técnica, do modo como se produzem as transformações na experiência e não só na estética. [...] A nova sensibilidade das massas é a da *aproximação*, isso que para Adorno era o signo nefasto de sua necessidade de devoração e rancor resulta para Benjamin um signo, sim, mas não de uma consciência acrítica, e sim de uma longa transformação social, a da conquista do sentido para o

---

3 O texto de Guimarães e Leal (2007) é uma exceção, uma vez que propõe como solução para circunscrever o alcance do paradigma das mediações, de modo a construir uma ferramenta de estudo mais eficiente, dialogar com o conceito de experiência à luz do quadro conceitual do pragmatismo e da hermenêutica filosófica.



idêntico no mundo. (MARTIN-BARBERO, 2001, p. 85-86, grifo do autor)

É na experiência que se manifestam, portanto, as transformações sociais que estão em operação. A partir dela é possível identificar modos de resistência e percepção outras, ações ainda não previstas/consolidadas pelos/nos gêneros culturais. Como faz parte da dinâmica interacional, esse processo demonstra uma importante dimensão da relação dos sujeitos com as constrições das mediações sociais: um certo grau de indeterminação. Obviamente, como não são previsíveis, os elementos que extrapolam as convenções já estabelecidas só podem ser identificados posteriormente.

Com essas afirmações de Martín-Barbero em mente, sugeri que a incorporação do conceito de experiência (CARDOSO FILHO, 2008) possibilitaria pensar tanto o recorrente quanto o singular – mesmo nas atividades e práticas mais cotidianas (como ouvir música ou assistir TV), algumas vezes, surge algo que foge aos padrões instituídos. Parece-me que esse é um dos aspectos aos quais Martín-Barbero quer se referir quando fala em “uso social dos meios”. Há, também, um “uso social” porque, não obstante todas as convenções estabelecidas nos gêneros culturais há possibilidade de invenção e criação no âmbito da experiência.

Contudo, afirmar a possibilidade de emergência de rupturas nos padrões instituídos pelos gêneros culturais não é suficiente. É preciso ir além e investigar como podemos identificar as condições de possibilidade dessas rupturas, identificar como elas se constituíram. Do mesmo modo como foi necessário pensar numa materialização textual dos gêneros culturais, ou melhor, nos padrões materiais adquiridos pelos diferentes textos culturais, como aponta Gomes (2011), pode-se afirmar também que é necessário pensar na materialização dos atos que escapam, sobram ou extrapolam os padrões e recorrências textuais. Afinal, sempre foi uma preocupação de Martín-Barbero pensar as possibilidades de ação inventiva dos sujeitos inseridos nesse contexto midiático.

Penso, portanto, que trabalhar simultaneamente com o convencionalizado (identificável no gênero cultural) e com a singularidade (manifestado na experiência), a fim de construir procedimentos metodológicos para apreender os usos sociais dos meios, é a estratégia mais eficaz a ser traçada pelos pesquisadores. É, então, imprescindível descrever como se manifesta a experiência.

### O APARECER DA EXPERIÊNCIA

A condição de possibilidade para o desenvolvimento da experiência é a situação a partir da qual ela emerge. A situação é regulada pelas diversas mediações sociais a que se refere Martín-Barbero, que por sua vez, se manifestam como gêneros culturais a partir de marcas inscritas nos próprios textos culturais. Na sua relação com a diversidade desses textos, aquele que faz/padece da experiência pode não só acionar o convencional como também atentar para a singularidade que se estabelece naquela interação específica e, desse modo, fazer aparecer elementos ainda não previstos, perspectivas desviantes.

Evidentemente, esses aspectos desviantes, que transbordam ao convencional, podem ser incorporados aos pontos do mapa das mediações e tornarem-se recorrentes, o padrão de uma época ou de certo grupo cultural – o que significa que na dinâmica interação do gênero com a experiência, há a constante possibilidade de alargamento/diminuição das fronteiras já estabelecidas. Isso implica que um gênero cultural, e sua respectiva experiência, é um fenômeno sempre transitório, sujeito às alterações promovidas pela dinâmica das interações.

Percebe-se, dessa forma, que a articulação da noção de gênero cultural ao conceito de experiência apresenta potencial para explicar metodologicamente os processos de produção e reconfiguração do sentido, na medida em que opera tanto com os elementos convencionais que se manifestam nas superfícies textuais como deixa espaço para entender as contribuições da interação com singular em cada situação – inclusive

àquelas singularidades que não dizem respeito apenas à dimensão do sentido, mas também da sensibilidade.

Como se pode observar, a proposta de Martín-Barbero ambiciona captar os usos sociais dos meios em suas manifestações materiais (na experiência), contudo as interpretações que o autor desenvolveu sobre a mestiçagem do indígena ou da televisão a partir das mediações, presente em *Dos meios às mediações* (MARTÍN-BARBERO, 2001), se revelaram imateriais e demasiadamente hermenêuticas. Sobre a televisão, o autor demonstrava como os três lugares de mediação (a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural) implicavam-se nas simulações de contato e na retórica direta televisiva. Sobre a mestiçagem do indígena, o autor relatava como as pressões exteriores, mediações internas e afirmações étnicas marcavam a identidade indígena.

Penso, portanto, que o mapa das mediações não garante a identificação dos diferentes níveis de construção que os gêneros culturais exercem nas suas manifestações materiais, os textos, nem no modo como estes interagem com os sujeitos no desenvolvimento da experiência. A não ser que sacrifique a noção de plano, que caracteriza seu mapa noturno, em favor do volume ou, para usar uma metáfora, dos “relevos”, a materialidade da experiência permanece inalcançável. Penso ser possível adensar essa crítica na esteira das questões formuladas por pesquisadores da chamada Teoria das Materialidades e afirmar que o modelo de Martín-Barbero não rompe com o tratamento eminentemente imaterial concedido à cultura pelo campo das Ciências Humanas.

A proposição deve ser, então, desenvolver procedimentos que permitam apreender materialmente a experiência que se conformou na relação entre o sujeito e determinado texto cultural, não só no seu aspecto simbólico, mas também físico-sensual. A exploração metodologicamente rigorosa dessa dimensão material permite discutir melhor as inflexões necessárias ao mapa das mediações para a apreensão da experiência, nas suas diferentes tonalidades. Afinal, o que está em foco no debate é:

a) o padrão de experiência (uso social) instituído pela última configuração do mapa das mediações, e; b) as possíveis transformações na experiência que emergem das rupturas com os usos sociais hegemônicos e processos contemporâneos de mediação.

Nesse sentido, encontramos a necessidade de desenvolver um método de estudo que se debruce, de forma radical, sobre essa dimensão material que é primitiva, anterior, que é a condição de possibilidade da emergência dos sentidos e, portanto, dos usos sociais.

### EIXOS, PLANOS E RELEVOS

Como a contribuição oferecida por Erick Felinto e Vinicius Andrade (2005) no mapeamento de autores que entendem o corpo como um objeto central da reflexão sobre a cultura, divorciado do espírito e com todas as inscrições que sofre nas relações com o poder e com os aparatos tecnológicos já foi exposta em texto anterior (CARDOSO FILHO, 2009), pretendo apresentar aqui apenas as contribuições metodológicas para apreender materialmente a experiência.

Por se tratar de uma abordagem material (não materialista) penso que o mapa das mediações composto pelos dois eixos (sincrônico e diacrônico) organizados em um plano, deve estar amparado num mapa “de relevo” das materialidades, que concederia o volume e tridimensionalidade à proposição de Martín-Barbero. Como toda experiência tem profundidade, uma ampliação dessa magnitude permitirá um estudo detalhado da experiência, em suas variadas particularidades, delineada tanto pelos aspectos das convenções dos gêneros quanto pela sua materialidade.

Como os gêneros culturais se manifestam em textos, isto significa que sempre se apresentam materializados num ambiente específico. O melodrama, como gênero cultural, se manifesta de formas distintas em folhetins, em romances e/ou telenovelas, por exemplo. A impressão em jornal com periodicidade, o livro como obra fechada e o discurso audiovisual são ambientes que, cada um ao seu modo, instituem padrões interacionais

diferenciados, favorecendo a emergência de determinadas experiências em prol de outras – como não há texto sem plano de expressão, pode-se dizer que um *medium* é necessário sempre que algum conteúdo pretende se manifestar.

É importante destacar que para os teóricos das materialidades (KITTLER, 1990; GUMBRECHT, 2002; FELINTO; ANDRADE, 2005) o termo *medium* não é sinônimo de mídia como instituição, regida por lógica particular, fruto de uma conjuntura histórico-social e técnica. O termo designa uma materialidade mais primitiva, que é uma das condições de emergência dos sentidos e objetos<sup>4</sup> – o plano da expressão, o significante dotado de sua materialidade específica. Por isso, seus procedimentos metodológicos para apreender a experiência aproximam-se de uma espécie de imersão fenomenológica nas práticas dos sujeitos, nos variados processos de interação que participam.

Essa imersão foi levada a cabo pelo filósofo e cientista da mídia Friedrich Kittler,<sup>5</sup> cujas teses foram construídas a partir de uma crítica: qualquer tipo de análise que não tematize a medialidade da sua própria prática, acaba por negligenciar as condições necessárias de sua própria emergência. Enfrentando, então, esse problema, Kittler (1990) passa a questionar os sistemas de notação (*Aufschreibesysteme*) predominantes em dois diferentes contextos europeus e o modo como eles possibilitaram a emergência de conteúdos, práticas e posicionamentos – batizados, simplesmente, como 1800 e 1900. Penso que o filósofo estava, ao seu modo, identificando as principais mediações que atuavam na Europa em momentos distintos. Sua análise mais famosa é sobre a relação entre o pensamento nietzscheano

---

4 John Hartley (2007, p. 142), no âmbito dos Estudos Culturais, sugere que o termo *medium* designa “qualquer material através do qual algo possa ser transmitido. Artistas usam *medium* (um líquido transparente que transmite pigmentos) na pintura” e só pela força do uso na expressão *mass media* tornou-se sinônimo de mídia.

5 Kittler estudou filosofia, germanística e romanística em Freiburg-in-Breisgau, onde se doutorou e ensinou até meados da década de 1970, quando se transferiu para Bochum e, mais tarde, para Berlin. O filósofo morreu em outubro de 2011.

e sua máquina de escrever, para Kittler (1990, p. 193, tradução nossa), elemento fundamental na construção da forma de Nietzsche filosofar.

Nietzsche, que mesmo quando garoto de escola sonhava com uma máquina que transcreveria seus pensamentos, sabia melhor que seu biógrafo Kurt Paul Janz, que com simulada franqueza (e provavelmente por respeito aos fabricantes de munições e compradores de patentes de máquinas de escrever, como a Remington) negou aos dinamarqueses (os quais ele chamava Hansun) qualquer crédito pela invenção. A escolha de Nietzsche, pelo contrário, certamente meio cega, foi por uma máquina cujo teclado arredondo pudesse ser usado ‘exclusivamente por meio do sentido do tato’, porque ‘na superfície de uma esfera cada ponto é projetado com certeza completa pela sua posição espacial’.<sup>6</sup>

Embora o exemplo de Kittler pareça bastante afastado do que se supõe ser a preocupação de Martín-Barbero, é possível, a partir da inflexão proposta, desenvolver estudos sobre a materialidade da experiência de uma forma sistemática. Os passos para o desenvolvimento se encontram nos escritos do próprio Kittler. Interessa-me resgatar operadores de análise para a descrição fenomenológica das práticas de uso social dos meios.

São três operações fundamentais: em primeiro lugar, uma operação de descrição dos aparatos que possibilitam o armazenamento, transmissão e reprodução de certos objetos/conteúdos. O foco, como se pode ver, é a prática e não os conteúdos, uma vez que estes são possíveis graças às estruturas materiais, que são anteriores ao sentido. A máquina de escrever, que possibilita deslocar a escritura da caligrafia do escritor, por exemplo. Em segundo lugar, uma operação de identificação dos “ruídos”

---

<sup>6</sup> Nietzsche, who even as a school boy dreamed of a machine that would transcribe his thoughts, knew better than his biographer Kurt Paul Janz, who with feigned outspokenness (and probably out of respect for fabricators of munitions and buyers of typewriter patents like the Remingtons) flatly denied the Dane (whom he calls Hansun) any credit for the invention. Nietzsche’s choice, by contrast, as half-blind as it was certain, picked out a machine whose rounded keyboard could be used ‘exclusively through the sense of touch’, because ‘on the surface of a sphere each spot is designed with complete certainty by its spatial position’.

trazidos pela medialidade daquela prática, efeitos trazidos pelas características físicas dos *media*, que podem impor à prática certo padrão, um elemento da experiência, como os borrões de tintas oriundas das fitas dessas máquinas de escrever. Por fim, é necessário observar e descrever o corpo como o âmbito de convergência das práticas culturais, também como um *medium*, conformado e reformado pelo sistema de notação no qual está inserido. O próprio corpo que datilografa se adapta a essa nova configuração técnica.

É interessante perceber o que Kittler está efetivamente demonstrando ao descrever incidência da máquina de escrever no pensamento nietzscheano: trata-se do processo de transição de uma forma de interação dominante para outra. À medida que a máquina de datilografar se institui como objeto da interação, outro tipo de competência é requisitado e há transformação na experiência. O que está em jogo é o novo processo de mediação emergente no início do século XIX, não apenas a atenção às diferentes mediações como também às materialidades que atuam naquela interação.

Seguindo essas orientações, Martin Stingelin (1994) analisa, a partir das correspondências de Nietzsche, encontradas na seção de manuscritos da Biblioteca da Universidade da Basileia, traços da sua insatisfação com sua caligrafia e os efeitos que a máquina de datilografar modelo Malling Hansen teve na sua produção.<sup>7</sup> É interessante notar como sua descrição mantém um foco em peculiaridades aparentemente negligenciáveis numa perspectiva mais tradicional, mas que, a fim de dar conta da materialidade da experiência, segue a proposição de lidar com aquelas três operações descritas por Kittler.

A caligrafia de Nietzsche era ruim porque sua visão o forçou a manter a cabeça muito próxima do papel durante a atividade de leitura e escrita. (FUCHS, 1978, p. 633) Estas circunstâncias tiveram efeito muito cedo sobre seu trabalho. Em 25 de

7 Modelo portátil, que pesava pouco menos de três quilos.

maio de 1895, ele escreveu para Carl von Gersdorff: 'Por favor, desculpe minha escrita horrível e meu descontentamento com ela. Você sabe o quanto eu me chateio por causa dela e como não posso, então, pensar em mais nada'.<sup>8</sup> (STINGELIN, 1994, p. 73, tradução nossa)

Posteriormente, Stingelin (1994, p. 73, tradução nossa) demonstra a satisfação de Nietzsche com a possibilidade de imprimir seu pensamento no papel, de modo que isso facilitava sua leitura e, necessariamente, seu próprio pensamento.

A esfera datilográfica de Malling Hansen deveria tornar possível 'escrever, ou melhor, imprimir com velocidade de estenografia e ainda no alfabeto normal na noite mais escura, navegando sobre as ondas do oceano, dirigindo na estrada, ou deitado na cama' [...]. Esta era a ferramenta ideal para Nietzsche, que escreveu para Franz Overbeck em 13 de julho de 1881: 'Oh, a barbárie da minha caligrafia, que ninguém mais pode ler, nem mesmo eu! (Por que eu permito que os meus pensamentos sejam impressos? Para que eu possa lê-los)'.<sup>9</sup>

Essa descrição atenta ao modo como a ação prática se desenvolve é importante de ser destacada. Como condição de possibilidade dos processos de produção de sentido, a materialidade traz consigo tanto a pressuposição quanto a indução de uma habilidade, uma competência específica que não se trata de mera ação psicológica, mas de uma conduta que se desenvolve nas interações. Torna-se perceptível, desse modo, a forma como

---

8 Nietzsche's handwriting was poor because his eyesight forced him to hold his head very near the paper while reading and writing (see Fuchs 1978: 633). These circumstances very early on had effect on his work. On May 25, 1895, he wrote to Carl von Gersdorff: "Please excuse my hideous writing and my discontent with it. You know how much I upset myself over it and how I can then think of nothing else" [...].

9 The Malling Hansen typeball was supposed to make it possible 'to write, or rather to print, with stenographic speed and still in the normal alphabet, in the darkest night, tossed on ocean waves, driving over a cordoury road, or lying in bed' (Martin, 1949: 461). This was the ideal tool for Nietzsche, who wrote to Franz Overbeck on July 13, 1881: 'Oh the barbarity of my handwriting that no one can read me anymore, not even myself! (Why do I allow my thoughts to be printed? So that I can read them) [...].



determinada técnica, na relação com um sujeito, pode instituir um uso social – que é, atualmente, um uso mais que cotidiano.

Por meio dos avisos fornecidos tanto pelos objetos expressivos predecessores quanto pelo contexto de surgimento desenvolvem-se formas de verificar como os usos foram instituídos, em resposta a quais questões e com quais características. Um passo decisivo para apreender materialmente a experiência.

### MATERIALIDADES DA EXPERIÊNCIA

A questão da materialidade da experiência também é enfrentada por Gumbrecht (2002). Fundamentado na sociologia da comunicação de inspiração em Alfred Schütz e Niklas Luhmann e na semiótica de Louis Troille Hjelmslev, Gumbrecht apresenta as chaves metodológicas para encarar o problema da materialidade. De Schütz e Luhmann, o autor vai explorar as relações que se estabelecem entre as estruturas sociais, ações sociais e atos comunicativos, sobretudo, a formulação de que para entender os fenômenos estéticos seria necessário reconstruir as possíveis funções para a ação do público.

Dito de outro modo, como ações sociais são todas as atitudes que tomam como pressuposto o conhecimento do outro, os métodos de análise precisam “reconstruir os esquemas de ação e de experiência de seus produtores e receptores”. (GUMBRECHT, 2002, p. 182) O que o autor reivindica, então, é um maior esforço descritivo das práticas acionadas em suas respectivas situações de emergência, a fim de dotar essas práticas das singularidades que lhes caracterizam.

De Hjelmslev é a proposição da segunda distinção no âmbito da definição do signo, posterior àquela entre expressão e conteúdo, que é significativa: a distinção entre forma e substância. Obtém-se, assim, uma entidade de quatro faces: forma da expressão, substância da expressão, forma do conteúdo e substância do conteúdo.

O estrato da substância da expressão corresponde ao estrato do elemento ainda não formado, anterior a qualquer estruturação, como a luz

ou o som. O estrato da forma da expressão corresponde ao das regras paradigmáticas e sintáticas, que intervêm para a manifestação daquela expressão, como os espectros de luz ou os timbres sonoros. O estrato da substância do conteúdo corresponde ao dos elementos nocionais ou afetivos que caracterizam aquele conteúdo, como o poder, o prazer ou o dever. Por fim, o estrato da forma do conteúdo corresponde ao das organizações formais no nível semântico, como as regras da música tonal.

Para o argumento de Gumbrecht, as consequências mais importantes do diálogo com esses autores consistem em: a) apresentar de quais modos as práticas podem ser usadas para revelar padrões de experiência em desenvolvimento, e; b) tematizar as diferentes faces do signo sem, necessariamente, falar do processo de interpretação. Esse movimento metodológico proporciona uma inflexão de caráter “material” na teoria do uso social dos meios, permitindo incorporar dados sobre aqueles efeitos sensíveis a que referia Benjamin e que foram reivindicados pelo próprio Martín-Barbero.

Para nossa discussão metodológica, importa retomar três tipos de contribuição originárias das reflexões sobre a materialidade para pensar os processos de midiaticização. Primeiro, a preocupação com o âmbito relacional dos processos de uso social dos meios. Essa relação é histórica e implica um sujeito que está inscrito numa temporalidade e espacialidade características. Importa também retomar o procedimento de reconstrução de um horizonte de expectativas e relacioná-lo com o espaço de experiências imediatamente disponível naquele contexto. Finalmente, importa destacar as diferentes mediações que atuam nos períodos históricos, como a oralidade e a corporalidade chamadas em causa em diversas práticas culturais contemporâneas.

O segundo conjunto de contribuições se evidencia a partir do resgate da necessária articulação entre a teoria do sensível e a sociologia da comunicação, mediante a explicação das funções que o poético desempenha para o público. Esse resgate é o que garante a interdefinição entre

os padrões dos gêneros culturais e as singularidades da experiência. Interessa também explorar o estrato das formas da expressão do signo, a fim de compreender como as materialidades do significante instituem certo regime na relação.

Terceiro, o trânsito pelo uso social instituído na relação entre o gênero cultural, a experiência e os sujeitos, de modo a evidenciar as apropriações não conceitualmente determinadas que possibilitam a ampliação/redução dos gêneros culturais a partir da instituição de outras competências pragmático-performativas.

Daí a necessidade de articular a reflexão sobre as mediações, desde suas dimensões constitutivas mais amplas (como as mediações simbólicas) passando pelas mediações sociais (discutidas por Martín-Barbero) até as características dos diferentes *media* (ambientes dotados de materialidades específicas, no sentido que lhes atribui Kittler e Gumbrecht), aos aspectos singulares que emergem na experiência. Pela amplitude contextual e força explicativa dessa articulação, compreendo que ela é importante referência para fundamentar os desenvolvimentos metodológicos da teoria das mediações.

Como consequência das modificações que as mediações e suas diferentes materialidades instituem na experiência observa-se, metodologicamente, o que pontua Braga (2010, p. 77):

a reflexão sugere que a nossa preocupação se organizaria a partir dos processos interacionais, para aí encontrar as possibilidades e os desafios colocados pela estética. Não estritamente nos produtos mediáticos – ainda que sejam inevitavelmente referidos e analisados, a ênfase na experiência sugere que não deveriam ser o foco exclusivo das perguntas e da observação. Mesmo ao observar ‘produtos’, estaríamos voltados, através do seu exame, para as questões de circulação em que podem ser envolvidos.

Efetivamente, para apreender materialmente usos sociais dos meios e processos de midiatização, é preciso contrapor a experiência com o objeto

de análise em questão ao gênero cultural no qual ele está inserido e do qual ele pode se destacar (explicitado pelas irrupções de singularidade que podem ocorrer), de modo a compreender e explicar quais as condições situacionais satisfeitas para a emergência daquele uso social ou daquele processo de midiatização. Para promover essa contraposição é necessária uma forte inspiração pragmática no modelo explicativo, de modo a conceder valor heurístico à análise. Isso significa que o estudo ocorre, necessariamente, amparado na contraposição entre o que pode ser acessado, previsível e convencional, que é oferecido pela tradição, e o que surge inesperadamente, do modo como o encontro entre sujeitos e os meios se manifesta na experiência.

### PROPOSIÇÕES FINAIS

Em virtude do enfoque concedido aos aspectos materiais, tanto das mediações quanto da experiência, é necessário fazer referência a aspectos muito específicos das práticas e processos analisados. Algumas vezes, são características primitivas do *medium*, outras vezes das mediações sociais. Essas distinções, entretanto, são decisivas para o pesquisador operar de forma mais segura com os fenômenos com que trabalha, passando pelo processo de midiatização até alcançar as materialidades mediáticas das interações. Não se trata de um modelo investigativo de “círculos concêntricos”, isto é, um *medium* que está envolvido por mediações sociais que, por sua vez, está envolvida em mediações simbólicas mais amplas.

Trata-se, na verdade, do estudo de processos interacionais que, na maioria das vezes, se sobredeterminam. O próprio *medium* está, nesse sentido, atravessado por diversas mediações sociais e simbólicas, ao mesmo tempo em que institui e impõe certos constrangimentos às mediações sociais. Isso significa que também as mediações sociais são dotadas de materialidades e que é necessário pensá-las sem perder essas condições materiais do horizonte investigativo. Desse modo, é possível sustentar

que, sob certos aspectos, as singularidades da experiência reorganizam as mediações sociais e simbólicas.

## REFERÊNCIAS

- BRAGA, José Luiz. *A sociedade enfrenta sua mídia: dispositivos sociais de crítica de mídia*. São Paulo: Paulus, 2006.
- \_\_\_\_\_. Experiência estética e mediatização. In: LEAL, Bruno et al. *Entre o sensível e o comunicacional*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2010.
- CARDOSO FILHO, Jorge. As materialidades da canção midiática: contribuições metodológicas. *Revista Fronteiras*, v. 11, p. 80-88, 2009. Disponível em: <<http://www.fronteiras.unisinos.br/index.php?e=2&s=9&a=68>>
- \_\_\_\_\_. A incidência dos conceitos de mediações e experiência no estudo da música popular massiva. In: PRIMO, Alex et al. (Org.). *Comunicação e interações*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2008. p. 131-146.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Cultural Studies: A Latin American Narrative. *Media, Culture & Society*, v. 23, n. 6, p. 869-881, 2001.
- \_\_\_\_\_. Quando a recepção já não alcança: por uma revisão no objeto e no método. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 17., 2008. São Paulo. *Anais...* São Paulo: UNIP, 2008. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/>>. Acesso em: 23 set. 2010.
- FELINTO, Erick; ANDRADE, Vinícius. A vida dos objetos: um diálogo com o pensamento da materialidade da comunicação. *Contemporânea*, v. 3, n. 1, p. 75-94, 2005.
- GOMES, Itania. *Efeito e recepção: a interpretação do processo receptivo em duas tradições de investigação sobre os media*. Rio de Janeiro: E-papers, 2004.
- \_\_\_\_\_. Gênero televisivo como categoria cultural: um lugar no centro do mapa das mediações de Jesús Martin-Barbero. *Revista FAMECOS*, v. 18, n. 1, p. 111-130, 2011.
- GUIMARÃES, César; LEAL, Bruno. Experiência mediada e experiência estética. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 16., 2007. Curitiba. *Anais...* Curitiba: Universidade Tuiuti do Paraná, 2007. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/>>. Acesso em: 20 set. 2007.
- GUMBRECHT, Hans-Ulrich. *Production of Presence – what meaning cannot convey*. Stanford: Stanford University Press, 2004.
- \_\_\_\_\_. Sobre os interesses cognitivos, terminologia básica e métodos de uma ciência da literatura fundada na teoria da ação. In: COSTA LIMA, Luiz (Org.). *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. p. 173-196.

HARTLEY, John. *Communication, Cultural and Media Studies: the key concepts*. 3<sup>rd</sup> ed. London: Routledge, 2007.

JACKS, Nilda. Martín-Barbero por ele mesmo e outras considerações. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, v. 23, n. 2, p. 173-182, 2000.

KITTLER, Friedrich. *Discourse networks 1800/1900*. Stanford: Stanford University Press, 1990.

MARTÍN-BARBERO, Jesús; REY, Germán. *Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva*. São Paulo: SENAC, 2001.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2001.

\_\_\_\_\_. *Ofício de cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

OROFINO, Isabel. Crianças, recepção e imaginários do consumo. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 20., 2011. Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: FABICO-UFRGS, 2011. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/>>. Acesso em: 30 nov. 2011.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. Comunicação social e mudança tecnológica: um cenário de múltiplos desordenamentos. In: MORAES, Dênis (Org.). *Sociedade midiaticizada*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p. 81-98.

RONSINI, Veneza. As relações entre mídia e receptores sob a ótica das mediações. In: PRIMO et al. (Org.). *Comunicação e interações*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2008. p. 16-21.

\_\_\_\_\_. A perspectiva das mediações de Jesus Martín-Barbero (ou como sujar as mãos na cozinha da pesquisa empírica). In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 19., 2010. Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2010. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/>> Acesso em: 13 out. 2011.

STINGELIN, Martin. Comments on a Ball: Nietzsche's play on the typewriter. In: GUMBRECHT, H.; PFEIFFER, K. (Ed.). *Materialities of Communication*. Stanford: Stanford University Press, 1994. p. 70-82.